

## O DISCURSO IMITA QUAL REALIDADE?

Auíri Tiago Nogueira dos Santos<sup>1</sup>

A língua é um sistema que reflete e refrata a realidade, porque é utilizada na forma de enunciados. O som que propaga do contato do ar com sua boca a exposição metódica sobre certo assunto, pode unir pessoas, mas, ao mesmo tempo, promover a desordem e o caos. Falar não é simplesmente um ato mecânico de borrar o momento com palavras lindas, esdrúxulas ou técnicas. As palavras limitam o mundo de quem a pronuncia.

Isso nos leva a crer que essas mesmas palavras, frases e textos eram cuidadosamente alocados para atingir um objetivo pensado e caracterizado de momento, que muitas vezes refletia a idéia de Pêcheux onde o sujeito (enunciador, cantor, político e etc) nada mais é que uma identidade enunciativa para a construção de marcas exteriorizadas da realidade por ele vivida.

O poder das palavras permite uma maior apreciação do dizer na construção da *letra*. Esse dizer só se faz possível através do discurso que caracteriza a linguagem humana, dilata os espaços verbais e celebra seu encontro com o texto. O texto escrito é responsável por revelar a história da humanidade em suas dobras e fios, que se articulam e justificam sua própria existência.

Quando utilizamos a pratica do “discurso”, lançamos sobre o mundo a contextualização de um acontecimento, pois funda uma interpretação e constrói uma vontade de verdade.

A história de uma determinada comunidade é estudada, em grande parte, a partir de textos escritos e da oralidade. É onde são recolhidos os traços da cultura de um povo. Isso ocorre, principalmente, porque o início de toda história humana encontra-se na oralidade. Foi por intermédio da palavra falada que a escrita surgiu.

O leitor se torna múltiplo com a sua bagagem histórica, social, ideológica e particular podendo ser um sujeito ou objeto da leitura, dependendo da postura crítica ou acrítica que assume frente ao texto para uma interpretação, mesmo às vezes ela sendo uma criação do próprio sujeito. É necessário adentrar nos significados e sentidos que a escrita deseja provocar na sua mesma bagagem carregada por vários tipos de saberes, dos quais alguns são conscientes outros inconscientes para que a interpretação aconteça de forma impar fazendo com que o mesmo leitor crie novas interpretações da realidade, dando lhe novos sentidos.

Não existe o discurso sem o sujeito, pois é este quem cria um espaço representacional para aquele. A observação aqui tratada é um lugar tão privilegiado no discurso que observa a relação entre a língua e a ideologia de um criador sedento de respostas que enuncia a pulsação do desejo de mudança mesmo que ocorra apenas a poucos.

Esse mesmo criador transmite novas dimensões diferentes daquelas que absorveu quando as recebeu. Pêcheux (1997) parte do pressuposto que o objetivo para análise de um discurso é colocar em

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras Inglês; Instituto Superior de Educação Ibituruna; ISEIB; auiriau@yahoo.com.br.

cena o discurso como objeto de manipulação. Fazendo que esse elemento tome proporções tanto na forma escrita quando na forma falada. Isso não se resume a uma simples transmissão de informação, nem a um ato fatídico do dizer.

Com isso podemos propor que todas as palavras proferidas carregam um vestígio pessoal na hora da formação. Falar no impessoal é um equívoco; não foi alguém muito concreto que escreveu o texto, mas antes um sujeito universal, que contempla a realidade de fora dela.

Como o discurso encontra-se na exterioridade, no seio da vida social, o analista/estudioso necessita romper as estruturas lingüísticas para chegar a ele. É preciso sair do especificamente lingüístico, dirigir-se a outros espaços, para procurar descobrir, descortinar, o que está entre a língua e a fala (FERNANDES 2005, p. 24). Todas as experiências e testemunhos conscientes e inconscientes assumem importância na formação do discurso.

O discurso toma dimensões que evoca a linguagem muito além de uma cotidiana fala do dia a dia, ele se exterioriza ao ponto de criar uma forte dependência do externo para se ter a existência do mesmo.

Como já sabemos o entrelaçamento entre discurso e ideologia, em Pêcheux (1997), se faz através da noção do sujeito. “E, ao ser interpretado, o sujeito se identifica com determinados sentidos, que lhe parecem evidentes, e não com outros. Esta identificação já é efeito da ideologia (...)” (INDURSKY 2005, p. 109).

A exteriorização de um conhecimento imaginativo do sujeito, que por meio de uma obra alcança expor seu conhecimento ao mundo externo é de suma importância para a representação de um momento histórico.

Tendo em base a “esfera” de Bakhtin que relaciona os contextos culturais como sendo ímpares, pois existem múltiplas atividades de comunicações entre os seres humanos. Essas esferas têm um ponto em comum, que seria a língua, que o próprio autor considera como uma estrutura maleável com o poder de se expressar, refletindo circunstâncias características daquela “esfera” que é empregado no determinado ponto da história.

Podemos considerar a “esfera” de fator ideológico como sendo o domínio dos signos como afirma Bakhtin.

Cada esfera contém distintas expressões devido à variabilidade de cada signo, que expressam conceitos advindos dos mais diversos focos de produção intelectual. A “esfera” ideológica caminha junto de mais diversas “esferas”, política, filosófica, cotidiana, religiosa etc. provocando um campo de criatividade ideológica que representa e retrata as peculiaridades de cada época.

Todas as mudanças superestruturais são representações de alterações na infra-estrutura desde as mais marcantes as mais sutis.

Fazendo essa ligação podemos afirmar que a relação entre a infra-estrutura e superestrutura existe de uma psicologia do corpo social; que pode ser interpretada como sendo expressão do material verbal. Podemos tomar como base o discurso sendo uma expressão verbal que em conjunto com determinados tema e forma composicional, além de estilo, os elementos que compõem e refratam as peculiaridades da “esfera”.

A partir desse prisma e dando ênfase na importância da fala, da comunicação, da escrita e principalmente do discurso, esse ensaio tentou identificar que o discurso exemplifica o contexto de uma determinada “esfera”.

É ideal que a transferência do conhecimento seja feita gradativamente, mostrando como as palavras no texto carregam importância para entender o pensamento de uma época, e nos leva a visualizar a “ideologia” por ela pretendida.

Partindo idéias é foi possível refletir sobre o quão é importante sabermos o que o autor quis “exteriorizar” com suas palavras, possibilitando uma eficaz absorção daquela mensagem.

FERNANDES, Cleudemar. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas: 2005.

INDURSKY, F. *Ideologia em Bakhtin e em Pêcheux: um estudo em contraponto*. Campinas: Ediunicamp, 2005. p. 101-115.

PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso*. Campinas: Unicamp, 1997.